

QUANDO OS GAÚCHOS ENCONTRAM OS COWBOYS: O CASO FIFA

WHEN GAUCHOS MEET COWBOYS: THE FIFA CASE

CUANDO LOS GAÚCHOS ENCUENTRAN LOS COWBOYS: EL CASO FIFA

Henrique Perin¹

Resumo

Esta pesquisa analisa como o vídeo da Fifa (Fédération Internationale de Football Association) comparou os gaúchos aos *cowboys* e traça as similaridades entre os dois mitos, assim como os elementos que constituem os seus imaginários. Na discussão, surgem várias ocasiões nas quais os mitos se cruzam e se distanciam; para tentar compreender tal situação, são utilizados teóricos como Eric Hobsbawm e seu conceito de tradições inventadas, e Benedict Anderson e seus apontamentos sobre comunidades imaginadas, além de exemplos pinçados da literatura brasileira do século XIX.

Palavras-chave: Gaúchos; tradição inventada; comunidades imaginadas; *cowboys*; Fifa.

Abstract

This research examines how the Fifa's video (Fédération Internationale de Football Association) compared *gauchos* to *cowboys* and traces the similarities between the two myths, as well as the elements that make up their imaginary. In the discussion there arise several occasions where the myths intersect and distance themselves; to attempt to understand such a situation, are used theorists such as Eric Hobsbawm and his concept of Invention of Tradition, and Benedict Anderson and his notes on Imagined Communities, as well as pinched examples of nineteenth-century Brazilian literature.

Keywords: Gauchos, invention of tradition, imagined communities, cowboys, Fifa.

Resumen

Esta investigación analiza cómo el vídeo de la Fifa (Fédération Internationale de Football Association) comparó los gauchos a los vaqueros y traza las similitudes entre los dos mitos, así como los elementos que constituyen sus imaginarios. En la discusión, surgen varias ocasiones en las que los mitos se cruzan y se distancian; para intentar comprender tal situación, se utilizan teóricos como Eric Hobsbawm y su concepto de tradiciones inventadas, y Benedict Anderson y sus apuntes sobre comunidades imaginadas, además de ejemplos pinzados de la literatura brasileña del siglo XIX.

Palabras clave: Gauchos; tradición inventada; comunidades imaginadas; vaqueros; Fifa.

¹ Doutorando em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: perin82@hotmail.com.

Considerações iniciais

“Patrício, apresento-te Blau, o *cowboy*.” Talvez se tirássemos um cento da idade de Simões Lopes Neto para que o contista ainda cavalgasse entre nós, esta poderia ser a frase que nos apresentaria seu grande personagem, Blau Nunes. O autor não poderia saber que, mais de cem anos após a publicação de *Contos gauchescos* (1912), o epíteto e profissão de Blau, vaqueano, pareceriam tão atuais aos olhos do mundo: *gaúcho*, o *cowboy* brasileiro, noticiou a Fifa em um breve documentário sobre Porto Alegre. Quando o Brasil candidatou-se para sediar a Copa do Mundo da Fifa de 2014, e o Estado do Rio Grande do Sul foi selecionado para receber alguns de seus jogos, não se esperava que as tradições de seu mais distante torrão, no extremo sul do continente americano, seriam alvo da atenção e da comparação entre seu personagem símbolo, o *gaúcho*, com o mito internacional do *cowboy*.

Apesar desta “polêmica” aparecer recentemente nos veículos de comunicação – uso o termo “polêmica”, pois foi exatamente o que a Fifa causou no seio do Movimento Tradicionalista Gaúcho, o MTG –, as comparações entre *gaúchos* e *cowboys* não são recentes. Também em 2014, a revista norte-americana *Southern American Explorer*, na edição número 37, publicou uma reportagem em que os “*Cowboys* encontram os *Gaúchos*” (*Cowboys meet Gauchos*, no idioma original), trazendo à luz algumas situações e acontecimentos dos primeiros trinta anos do século XX, quando os *wildshows* mesclavam *cowboys* e *gaúchos*, os apresentando sobre uma mesma alcunha. Alguns anos antes, um “guia”, criado em 1999 pelo Museu da Universidade de Tecnologia do Texas, chamado *Cowboys of the Americas: Argentine Gauchos and North American Southern Plains Cowboys*, foi distribuído nas escolas do estado norte-americano para que as crianças aprendessem as similaridades entre os dois personagens.

Eric Hobsbawm, por meio do ensaio *O caubói americano: um mito internacional?* (2013), questiona o alcance que a personificação do “espírito americano” tem ao redor do mundo. As semelhanças são muitas e o fascínio exercido pelo *cowboy* na literatura e, principalmente, no cinema é tão marcante que é tema recorrente de estudos e dissertações em diversos países. Não há a pretensão, neste ensaio, de desvelar as origens de ambos os mitos – o *gaúcho* e o *cowboy* –, mas sim apresentar os pontos

em comum na criação dos personagens, seus papéis na formação cultural de seus países e os elementos essenciais que ambos partilham.

Quando nascem os *gaúchos* e os *cowboys*

Começemos pelo início: uma data, um ano sobre os quais se possa dizer “aqui nasceu”. Infelizmente, os registros dos primeiros usos das palavras *gaúcho* e *cowboy* são esparsos, contraditórios ou, na maioria dos casos, fugidios. Documentos oficiais dos quais se possa valer para legitimar qualquer pesquisa acadêmica se tornam raros ou, quando existem, são de uma época posterior aos usos de suas designações. Sendo este um trabalho hercúleo e com a dificuldade em delimitar mesmo uma década precisa, é necessário recorrermos à literatura para assinar qualquer certidão de nascimento. Encontramos na obra *O corsário* (1849), de Caldre e Fião, o ponto inicial para o uso da palavra *gaúcho* como referência a um tipo social específico.

Assim como o *gaucho* (este sem acento agudo e de uso mais antigo) na literatura e historiografia platina representa a pessoa *mala, malentrenida* – temos como exemplo o personagem Juan Moreira, homônimo da obra *Juan Moreira* (1880), escrita pelo argentino Eduardo Gutierrez, onde a perseguição ao homem da campanha o forçou a viver à margem da lei, através de roubos e as mais sortidas delinquências – o *gaúcho* de Caldre e Fião não é o tipo repleto de predicados que se enaltece atualmente, mas apresentados como homens agressivos, belicosos e violentos (GUAZZELLI, 2009). Segundo Caldre e Fião, “estes malditos gaúchos têm alma danada! Matam gente como eu costume matar mosquitos lá na loja quando me vou deitar... eles estão acostumados a matar gado... já não lhes faz moosa na consciência!”. (CALDRE E FIÃO, 1979, p. 158).² O escritor, jornalista e ex-presidente argentino Domingo Faustino Sarmiento, em 1845, apresentou *Facundo – civilización y barbárie*, elencando os quatro tipos característicos de *gauchos*: o *gaucho cantor*, o *gaucho baqueano*, o *gaucho rastreador* e o *gaucho malo*. Este último foi descrito do seguinte modo:

² Para mais informações sobre a concepção do “gaúcho” na obra de Caldre e Fião, recomendo a leitura da dissertação *De rio-grandense a gaúcho: o triunfo do avesso. Um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1877)*, de Carla Renata Antunes de Souza Gomes (2006).

Llámanle el Gaucho Malo, sin que este epíteto lo desfavorezca del todo. La justicia lo persigue desde muchos años; su nombre es temido, pronunciado en voz baja, pero sin odio y casi con respeto. Es un personaje misterioso: mora en la pampa, con su albergue los cardales, vive de perdices y mulitas; si alguna vez quiere regalarse con una lengua, enlaza una vaca, la voltea solo, la mata, saca su bocado predilecto y abandona lo demás a las aves mortecinas. [...] El gaucho malo no es un bandido, no es un salteador; el ataque a la vida no entra en su idea, como el robo no entraba en la idea del Churriador; roba, es cierto; pero ésta es su profesión, su tráfico, su ciencia. Roba caballos (SARMIENTO, 1845, p. 49).

Esta descrição do *gaucho malo*, para o qual o roubo de cavalos e a vida como fora da lei são marcas indeléveis, é encontrada em diversos autores, como em José Hernandez, na obra *El Gaucho Martin Fierro*. Escrita em duas partes – respectivamente em 1872 e 1879 –, apresenta-se na narrativa um personagem violento e antissocial. O interessante desta obra de Sarmiento é que os outros três gaúchos apontados teriam as características que tornariam o gaúcho brasileiro conhecido. Sua astúcia, modéstia, retidão, coragem e conhecimento nas lides do campo e do exército, tão apreciados pelos tradicionalistas no Rio Grande do Sul, são os pilares do que hoje é o ideal de gaúcho.

No Brasil, a reconstrução da imagem do *gaúcho* e sua positivação passam pelo momento de afirmação de uma identidade regional própria no Rio Grande do Sul pós-Revolução Farroupilha. Luciana Murari (2010) aponta para as especificidades do dualismo Nacional *versus* Regional e como ele influenciou as criações literárias regionais, cuja cultura e política são utilizadas para formar uma unidade nacional através da diversidade regional, principalmente a partir dos fins do século XIX, com o Regionalismo Romântico:

No caso da literatura regional brasileira [...] a ideia de região – que pode ser definida por um certo território, por especificidades históricas ou naturais, por um dado modo de exploração econômica, por patrimônios linguísticos ou étnicos socialmente reconhecidos – afirmou-se a partir da sobreposição destes elementos de identidade aos limites político-administrativos dos estados (MURARI, 2010, p. 3).

Murari reforça a ideia de que os regionalismos, através do processo de criação de identidades nacionais, buscaram alicerçar os símbolos que dariam unidade cultural à região. A alteridade, como base da construção de identidade, estará presente na literatura e José de Alencar exemplifica de modo magistral este confronto entre o novo *gaúcho* e o *gaucho* oriental, nos papéis de Bento Gonçalves e Lavalleja:

– Coronel, o senhor não é um homem! Como aquela palavra abalou Bento Gonçalves, que achou-se em pé de repente, afrontando em face o oriental! Mas não passou de um primeiro assomo; a alta estatura que a indignação erigira perdeu a rijeza ameaçadora; no rosto anuviado perpassou o sorriso plácido e sereno das grandes almas, que uma cólera pequena não conturba. São essas almas como o grande oceano; qualquer borrasca não o agita; para subvertê-lo é preciso o tufão dos Andes.

– O senhor é meu prisioneiro e hóspede dessa casa, general, disse Bento Gonçalves sentando-se com a maior calma. Em outro momento e outro lugar, eu lhe mostraria como um brasileiro não vale um, mas dez homens; enquanto são precisos dois castelhanos para fazer meio brasileiro. O senhor deve saber disso (ALENCAR, 1870, p. 31-32).

O mito do *cowboy* é igualmente difícil de fixar em uma data precisa. Apesar de a figura ser conhecida desde o final do século XVIII, foi com a expansão norte-americana para o oeste, no início do XIX, que sua fama chegou. Um *cowboy* é, por definição, um pastor de gado cujas referências remontam à época colonial norte-americana. Suas imagens mais conhecidas e apoteóticas nos chegam através do cinema, da literatura e das histórias em quadrinhos, com Clint Eastwood, Tex e John Wayne, além de inúmeros *western spaghetti*. Assim como o *gaúcho* brasileiro, apontar uma data correta para suas primeiras ocorrências é uma tarefa temerária. Aceitaremos, então, os seguintes fatos: a primeira referência ao *gaúcho*, no Brasil, está na obra de Caldre e Fião, de 1849, na metade do século XIX, e o *cowboy* como conhecemos, com todo o brilho que apenas os atores hollywoodianos podem emprestar, tem sua origem na expansão norte-americana para o oeste, a partir do início do século XIX, tendo como ponto de partida a compra da Louisiana, em 1804, então território francês, e da Flórida, em 1819, até o momento território espanhol. Seus “nascimentos” distam menos de cinquenta anos.

Um fator importante que orbita as esferas do *gaúcho* e do *cowboy* é o papel que o próprio meio físico representa: a sacralização da natureza como personagem não é recorrente apenas no tradicionalismo, mas no ideário norte-americano ela também é protagonista. Assim como a *wilderness* desempenha um papel substancial na delimitação de “fronteiras”, sendo definidora dos rumos da trama e das relações humanas no mito dos *cowboys*, dentro do tradicionalismo gaúcho a presença do “pampa” ajuda a definir limites e fronteiras. Frederick Turner, com *The Significance of the Frontier in American History* (1893), elucida o papel dos limites físicos e geográficos na formação de uma comunidade. Conforme o autor, a “fronteira” (algumas

vezes real, outras imaginária ou mesmo intangível) serve como o grande incentivo para o desenvolvimento social e para a excepcionalidade de uma sociedade frente à outra.

Abandonando a ideia de uma fronteira geográfica fixa, compreende-se a noção de limites políticos processuais e em constante movimento, do Rio Grande do Sul para o Uruguai e Argentina, onde se incorporaram diversos elementos econômicos e sociais, determinantes para a formação do *gaúcho* e diretamente ligados aos acontecimentos políticos dos séculos XV ao XIX, como os tratados de Tordesilhas, Santo Ildefonso, Utrecht, Madrid etc. O imaginário do gaúcho inserido na natureza, atravessando este pampa a cavalo ou a pé, trabalhando na lida de gado, de cavalos ou mesmo nas fazendas de charque, é apresentado em obras como *Contos gauchescos* (1912), de Simões Lopes Neto. No conto *A Salamanca do Jarau*, por exemplo, a natureza e o meio físico são apresentados como mais um personagem da trama.

Outro elemento recorrente no imaginário da comunidade gaúcha e nas histórias de *cowboy* é o animal símbolo de ambas: o cavalo. Apesar de o cavalo, hoje comum tanto no Rio Grande do Sul como nos Estados Unidos, não ser um animal nativo da América, ele é amplamente reconhecido como símbolo das tradições gaúchas e dos *cowboys*, e assim entra no rol de elementos comuns e necessários para se delimitar as identidades *gaúchas* e *western*. Também chamado de Pingo, o grande companheiro do *gaúcho* assume o papel de personagem, ao lado de seu cavaleiro. Não cabe aqui escrever a árvore genealógica dos cavalos na América; basta ressaltar que o animal hoje por nós conhecido não é originário deste continente, tanto que não existe nas línguas qualquer nome original que o designe. Todos os vocábulos que existem são derivações do espanhol *caballo* e sua entrada no continente americano ocorreu no final do século XV, quando um número compreendido entre 25 e 30 animais foram embarcados no porto de Barcelona (ASSUNÇÃO, 1978).

O cavalo Crioulo, tão apreciado por sua força e resistência, é considerado o mais “legítimo” dos introduzidos pelos espanhóis. Uma mistura entre as raças Andaluz e Lusitana. Usados inicialmente como animais para guerra e ocasionalmente para tração, a intenção dos colonizadores era sua procriação. Fernando Assunção, em *El Gaucho*, explica:

Nestes tempos os cavalos de guerra eram, geralmente, machos inteiros e ao trazer éguas como repostos, nesses cinco casos, indicava o desejo de iniciar a procriação dos imprescindíveis animais nas terras

descobertas. Segundo documentos contemporâneos, longe de serem bons, os cavalos que foram embarcados nesta expedição eram verdadeiros matungos. Temos como definitivo, pois, uma origem única e uniforme para todos os plantéis cavалares na América. Basicamente são cavalos espanhóis, em particular andaluzes, ou portugueses do Alentejo e Extremadura, de idênticas origem e características raciais (ASSUNÇÃO, 1978).

No Rio Grande do Sul, a popularidade destes animais atinge altura quase mítica, sendo comum encontrar referências aos “centauros do pampa”. Sua utilização nas mais variadas atividades – desde os trabalhos dentro das estâncias, o uso como meio de transporte e nas competições como o Freio de Ouro³ – cresceu inclusive entre os *gaúchos* urbanos – muito embora haja quem diga que “não existem *gaúchos* urbanos, todos respondem ao chamado do campo”, mas esta é outra discussão. A proliferação de cabanhas, haras e os Centros de Tradição Gaúcha (CTGs) impulsionaram o uso e apreço pelos cavalos. O próprio *site* do MTG reserva uma seção onde é explicada a forma de utilização do animal, seus apetrechos, partes do corpo, nomes e denominações, conforme sua idade e inclusive o modo de se montar: “o gaúcho monta a cavalo da esquerda para a direita. Quem monta ao contrário, é dito ‘baiano’” (O CAVALO, 2 mai. 2015).

Os *cowboys* também têm sua história atrelada ao manejo dos cavalos. A infinidade de filmes *western*, histórias em quadrinhos, obras de literatura e até propagandas de cigarros em que a lealdade do cavalo por seu cavaleiro é enaltecida, chama atenção neste quesito. É difícil dissociar a imagem de um *cowboy* junto a um cavalo, seja nas atividades pecuárias, seja em confrontos bélicos, ou simplesmente atravessando as imensidões do oeste e conquistando terras, transpondo as fronteiras entre a “civilização” e a “barbárie”. Mais uma vez, John Wayne e Clint Eastwood representaram muito bem seus papéis. A introdução dos animais na América do Norte é um ponto de mudança na história do continente. Além dos colonizadores, os nativos americanos também passaram a montá-los, o que trouxe maior mobilidade, bem como mudanças nas técnicas de caça e de guerra. Povos nativos como os Comanches, na América do Norte, mostraram-se extremamente hábeis no trato com os animais, assim como o exemplo mais ao sul, os Charruas, no Rio Grande do Sul.

³ Provas com laço, gineteadas e rodeios.

Outro elemento que aproxima os ideários do *cowboy* e do *gaúcho* é a assimilação de culturas indígenas ao seu modo de viver. Que tanto os *gaúchos* quanto os *gauchos* mantém vivas características dos Charruas e Guaranis, é inegável. O jornal *Zero Hora*, em agosto de 2003, apresentou a manchete *Os Charruas vivem*, na qual, por meio de publicações do Departamento de Genealogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), constatou-se que, dentro de um grupo de voluntários cujo DNA foi analisado, 62% apresentaram ascendência indígena, provavelmente Charrua, Minuano e Guarani. A miscigenação entre indígenas e espanhóis, no sul do Brasil, não é de modo algum uma novidade (KENT; SANTOS, 2012). A historiografia contempla habilmente esta área e campos como música, artes plásticas e estatutário também contribuíram para sua disseminação. A estátua do *Gaúcho Oriental*, em Porto Alegre, demonstra isto. As feições e indumentária indígenas representando o arquétipo do Pampa, delimitadas por Frederico Escalada, seu autor (convenientemente uruguaio), são facilmente reconhecidas como próprias do povo *gaúcho* (DOBERSTEIN, 1995).

Nos *cowboys*, esta mistura entre indígenas e “caras-pálidas” é latente na criação dos mitos do faroeste. Talvez o exemplo mais pontual venha não dos filmes, nos quais os povos indígenas são frequentemente rotulados como bárbaros da fronteira oposta à civilização, mas das histórias em quadrinhos. O personagem Tex Willer – criado em 1948 pelos italianos Giovanni Bonelli e Aurelio Gallepini – um *ranger*, típico representante da praticidade, honestidade e determinação do *cowboy*, não apenas se casa com uma princesa indígena Navajo, como também tem um filho, Kit, e torna-se *Chief* da tribo. Apesar de as histórias de Tex apresentarem todos os estereótipos concebíveis da cultura *western* – no caso italiano, criou-se o subgênero *western spaghetti* –, o cerne da relação entre indígenas e “homens brancos” está presente e de modo relevante: o filho do *cowboy*, fruto da mistura entre dois mundos distintos, também se torna um *cowboy*.

Elencada a “origem” dos *cowboys* e dos *gaúchos*, suas representações, seu animal símbolo, a influência indígena em sua caracterização e a personificação do meio físico como um elemento central de ambos os mitos, restam, a meu ver, dois aspectos a serem contemplados: seus papéis na formação cultural, tanto do Brasil como dos Estados Unidos, e as datas comemorativas que legitimam esta importância. Iniciaremos, pois, com os *gaúchos*. Por meio do *Manifesto Gaúcho*, Evaldo Muñoz Braz (2000, p. 5)

define o *gaúcho* como um “vaqueiro do Pampa da Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul, um ginete hábil e intrépido”. A relevância deste personagem, que ora cavalga pelos lados da *Banda Oriental*, ora em terras brasileiras, sem reconhecer fronteiras ou demarcações territoriais, determinou o gentílico do Rio Grande do Sul e originou o símbolo do MTG, o arquétipo do “ginete”, do homem livre e do “orgulhoso guerreiro” (BRAZ, 2000). Voltando a citar José de Alencar (1998, notas), “o habitante da campanha do Sul não se deslustra por ser peão, que ele tem em conta de uma profissão nobre; mas honra-se de ser gaúcho, de pertencer a uma casta independente, distinta e viril”. Sua data magna é o 20 de setembro, já defendida em 1889 por Júlio de Castilhos no jornal *A Federação* (OLIVEN, 1991), e oficializada em 1995 pelo governo estadual do Rio Grande do Sul (RIO GRANDE DO SUL, 1995).

Já o *cowboy* é reconhecido como o agente civilizador do oeste, muitas vezes um nobre justiceiro que pratica a justiça com as próprias mãos, subjugando os “bárbaros” e sobrevivendo em ambientes inóspitos e selvagens. Este *cowboy* é o homem capaz de domesticar a *wilderness* e de forçar sua adaptação – “*in winnng a wilderness*”, como escreveu o próprio Turner (1893) – através de mudanças, abandonando os antigos costumes europeus e seus “ares aristocráticos”, por um senso prático que será chamado de “espírito americano”, tornando-se assim um “*self-made-man*”. Em 2013, a governadora do estado do Arizona, Jan Brewer, oficializou o “dia nacional do *cowboy*”, a ser celebrado todo quarto sábado do mês de julho.

Tradições inventadas e comunidades imaginadas

Eric Hobsbawm e Benedict Anderson postulam que a criação de uma nação é um processo incipiente, relacionado ao capitalismo e às transformações pelas quais passaram os séculos XVIII, XIX e XX. As nações são apenas ilusões “criadas” para os indivíduos se sentirem pertencentes a alguma coisa, ou lugar, assim como demonstra Hobsbawm, através de seu livro *A invenção das tradições*: as tradições que parecem antigas, ou mesmo milenares, em diversas ocasiões são recentes, datando de poucas décadas de existência, quando não são inventadas. “Tradições inventadas”, para o autor, são um conjunto de práticas regularizadas por normas implícitas e abertamente aceitas, simbólicas e rituais, que transferem valores e normas de comportamento e delimitam

relações de continuidade com o passado. Este termo, “tradição inventada”, deve ser utilizado em um sentido amplo, incluindo as práticas criadas com um propósito explícito, com construção e institucionalização formal, da mesma maneira como as tradições cujos surgimentos são difíceis de precisar e localizar em um recorte temporal e espacial (HOBSBAWM, 2002).

É preciso compreender que a ruptura da continuidade, muitas vezes visível em movimentos que se autodenominam tradicionalistas, atrai grupos considerados repositórios da história e da tradição. O próprio aparecimento do Movimento Tradicionalista Gaúcho, sempre em defesa da “restauração dos costumes, práticas, história e tradições”, indica esta ruptura. Um dos fatores importantes que influenciaram a penetração do tradicionalismo no meio urbano foi o sentimento de “comunidade”, como proposto por Benedict Anderson em *Comunidades imaginadas* (2013). O “nacionalismo” não pode ser compreendido como uma ideologia, mas é necessário visualizá-lo ao lado de conceitos como “parentesco” e “religião” (“nacionalismo”, para fins deste estudo, será tomado para exemplificar o caso do tradicionalismo no Rio Grande do Sul).

As comunidades são diferentes pela maneira como são imaginadas, e o tradicionalismo gaúcho não foge a este conceito. Mais uma vez se apropriando de Benedict Anderson, percebe-se que as comunidades podem ser criadas a partir de signos, originando uma linguagem própria, e que, nos remetendo ao caso do tradicionalismo no Rio Grande do Sul, é de fácil percepção: basta uma rápida pesquisa nos termos e símbolos utilizados dentro dos Centros de Tradições Gaúchas (CTG). Não é uma tarefa árdua realizar esta transposição (e justaposição) de signos, apropriação culturais e folclóricas do tradicionalismo gaúcho, já que a absorção e o declínio de certos aspectos tradicionais foram deliberados. A sobreposição de culturas cisplatinas – uruguayas e argentinas, no caso – criou a chamada “cultura gaúcha” do sul do Brasil, em que são encontrados trajes, costumes e representações claramente modernos, quando não contemporâneos.

Considerações finais

A relação comparativa de estereótipos na propaganda da Fifa dividiu opiniões. Apesar de afirmarem não terem se ofendido com a comparação, os tradicionalistas alegam poucas similaridades entre os gaúchos e os *cowboys*, além do cavalo. O presidente do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, Rodí Pedro Borghetti, defendeu sua posição no portal de notícias *GI*:

Nós não somos cowboys americanos. A semelhança que temos com eles é mais no que diz respeito às lidas do campo, que são parecidas. O grande vínculo é o cavalo, que é usado aqui e é usado lá. Na verdade, nós, gaúchos, temos uma cultura popular gauchesca muito própria, fruto de uma etnia da formação do nosso povo desde o índio, que foi o primeiro habitante da nossa terra (Não somos. *GI*, 26 mai. 2014).

Não obstante o Rio Grande do Sul possuir características próprias, o historiador César Augusto Guazzelli elucida que ela não é única, e o mito de um personagem a cavalo é parecido com culturas de diversas partes do mundo: o trato com os animais do campo, por exemplo, é uma tradição comum aos chilenos e mexicanos, entre outros. Conforme Guazzelli, como são tradições que utilizam o cavalo e lidam com animais, é necessário desenvolverem habilidades no tratamento, no domínio da montaria e no manejo do gado (Não somos, *GI*, 26 mai. 2014). *Cowboys* e *gaúchos* possuem em comum, ainda, o fato de passarem por revoluções civis no mesmo período. Enquanto o Texas, “terra dos *cowboys*”, tornava-se independente entre 1835 e 1836, em terras gaúchas ocorria a Revolução Farroupilha (1835-1845).

Conforme ficou claro na peça publicitária da Fifa, o Rio Grande do Sul é um estado com orgulho de suas tradições e que as conserva de modo próprio em relação ao resto do Brasil. Analisando sob esta perspectiva, é possível compreendermos a alteridade entre os *gaúchos* e os “outros”, assim como um fenômeno semelhante entre os *cowboys* e os “outros” norte-americanos.

Hobsbawm (2013) acredita que a margem para as variações do “mito” do *cowboy* é muito ampla, e isto explicaria não apenas sua internacionalização, mas o fato de se “inspirar” e servir de inspiração para outras culturas. A partir deste ponto, muito do que se escreve parte de um exercício de reflexão, já que mitos de personagens ligados à terra e à lida de animais são mundiais e não limitados apenas aos *cowboys* e *gaúchos*, embora suas origens sejam análogas. O fascínio por sociedades de cavaleiros e pastores existe em muitos lugares, gerando uma profusão de mitos semibárbaros, machos e heroicos, de um tipo ou de outro. Por que, então, populações de homens montados a cavalo se tornam mitos poderosos e

tipicamente heroicos? Mais uma vez, adentra-se no campo da suposição. Talvez porque os grupos onde estes mitos ressoam sejam as populações especializadas em andar a cavalo e que, mesmo em tempos atuais, mantêm ainda algum resquício de sua “ancestralidade”. É comum, em casos assim, vermos *cowboys* e *gaúchos* desfilando com altivez e orgulho por estradas de asfalto, entre pagos e coxilhas de cimento.

Referências

ALENCAR, José de. *O gaúcho*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

ASSUNÇÃO, Fernando. *El Gaucho*. Porto Alegre: DGE Universitária, 1978.

BRAZ, Evaldo Muñoz. *Manifesto Gaúcho*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2000.

BUCK, Daniel. Cowboys meet Gauchos. *South American Explorer Magazine*, Buenos Aires, 37. ed., p. 5-9, mar. 2014.

CALDRE E FIÃO, José Antônio do Vale. *O Corsário*. Porto Alegre: Movimento, 1979.

DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. Escalada, Caringi e o gauchismo na estatuária. In: CLEMENTE, Elvo (org.). *Integração: artes, letras e história*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

FIFA APRESENTA Porto Alegre define gaúchos como ‘cowboys do Brasil’. *Portal G1*, Rio Grande do Sul, 5 mai. 2014. Disponível em <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/05/fifa-apresenta-porto-alegre-e-define-gauchos-como-cowboys-do-brasil.html>>. Acesso em: 2 mai. 2015.

GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. *De rio-grandense a gaúcho: o triunfo do avesso. Um processo de representação regional na literatura do século XIX (1847-1877)*. Dissertação. (Mestrado em História), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

GUAZZELLI, César Augusto Barcellos. Fatos que realmente aconteceram? Considerações sobre história e literatura. In: SILVEIRA, Helder G.; ABREU, Luciano A.; MANSAN, Jaime V. (orgs.). *História e ideologia: perspectivas e debates*. Passo Fundo: Ed. UPF, 2009. p. 369-384.

GUTIERREZ, Eduardo. *Juan Moreira*. Buenos Aires: Librodot, 2003.

HERNANDEZ, José. *El Gaucho Martin Fierro*. Buenos Aires: Imprensa de La Pampa, 1872.

HOBBSAWM, Eric J. *Tempos fraturados: cultura e sociedade no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

KENT, Michael; SANTOS, Ricardo Ventura. Os charruas vivem nos gaúchos: a vida social de uma pesquisa de “resgate” genético de uma etnia indígena extinta no sul do Brasil. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 341-72, jan.-jun. 2012.

LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos & lendas do sul*. Porto Alegre: L&PM, 2012.

MEET BRAZIL’S COWBOYS. *Fifa TV*. Brasil, 2 mai. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5CprNOekWCI>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

MURARI, Luciana. A construção da identidade social na literatura regionalista: o caso sul-riograndense. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 17, n. 32, p. 159-83, dez. 2010.

MUSEUN OF TEXAS TECH UNIVERSITY. Cowboys of the Americas: argentine gauchos and north american South plains cowboys. *Traveling Discovery Trunk*, 1999. [Texas, 1999].

NÃO SOMOS cowboys americanos, diz tradicionalista sobre vídeo da Fifa. *Portal G1*, Rio Grande do Sul, 26 mai. 2014. Disponível em <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2014/05/nao-somos-cowboys-americanos-diz-tradicionalista-sobre-video-polemico.html>>. Acesso em: 2 mai. 2015.

O CAVALO. *MTG*. Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://www.mtg.org.br/folclore/311>>. Acesso em: 2 mai. 2015.

OLIVEN, Ruben George. Em busca do tempo perdido: o Movimento Tradicionalista Gaúcho. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 6, n. 15, p. 40-52, 1991.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo: civilización y barbárie*. Buenos Aires: Elaleph, 1999.

TURNER, Frederick Jackson. The Significance of the Frontier in American History. In: TURNER, Frederick Jackson. *Frontier and Section*. New Jersey: Prentice-Hall, 1961.